

Massacre da farinha



Por **FRANCISCO FERNANDES LADEIRA***

Mentiras dos noticiários sobre a geopolítica palestina

Nos últimos dias, veículos do Grupo Globo – como o *Jornal Nacional* e o portal *G1* – utilizaram os eufemismos “tumulto” e “confusão” para noticiar o massacre promovido por Israel, que vitimou cerca de cem palestinos que aguardavam pela entrega de ajuda humanitária em Gaza.

Mesmo outros órgãos de imprensa atrelados aos interesses do *status quo* ocidental, como o *El país*, não foram tão ousados para esconder o real caráter desse lamentável acontecimento (que já passou para a história como “Massacre da farinha”). “Israel dispara contra uma multidão que tratava de pegar comida”, enfatizou uma manchete do periódico espanhol. Por sua vez, o chefe da política externa da União Europeia, Josep Borell, classificou o incidente como uma “carnificina totalmente inaceitável”.

No entanto, os eufemismos utilizados para descrever o “Massacre da farinha” não são os únicos recursos de manipulação e falsificação da realidade utilizados pelos noticiários internacionais da empresa da família Marinho. Aliás, a própria cobertura da *Rede Globo* (e da grande mídia em geral) sobre a atual escalada do genocídio promovido por Israel nos oferecem exemplos do pior tipo de jornalismo possível.

A narrativa criada na imprensa hegemônica, sobre o início do antagonismo entre palestinos e israelenses ter como marco o dia 7 de outubro de 2023, com a ofensiva do Hamas contra o sul de Israel, já esconde pelo menos setenta e seis anos de limpeza étnica promovida pelo Estado Sionista. Assim, cria-se o falso discurso de “Guerra entre Israel e Hamas”, legitimando a matança promovida pelo exército de Israel em Gaza como “legítima defesa”.

Mas não basta retirar a historicidade de um determinado foco de tensão, limitando-o ao seu imediatismo; é preciso recorrer ao chamado “jornalismo de adjetivação”. Nesse sentido, o Hamas é rotulado como “terrorista” (quando nem a ONU, tampouco o Brasil, reconhecem tal classificação). Israel, por outro lado, é a “única democracia do Oriente Médio” (outra falácia, haja vista que um Estado onde seus habitantes não possuem os mesmos direitos – ou seja, são divididos em primeira e segunda classe – jamais poderia ser considerado como “democrático”).

Comprovando que os principais veículos de imprensa brasileiros são mais sionistas do que seus congêneres estrangeiros, a *BBC*, um dos maiores pilares simbólicos do imperialismo britânico, por exemplo, não recorre ao termo “terrorista” para se referir ao Hamas em suas matérias.

Alegando o princípio da imparcialidade, o editor de assuntos mundiais dessa rede de comunicação, John Simpson, afirma que “terrorismo é uma palavra carregada, que as pessoas usam para se referir a uma organização que desaprovam moralmente. Não é função da *BBC* dizer às pessoas quem apoiar e quem condenar – quem são os mocinhos e quem são os bandidos”.

a terra é redonda

Porém, ao contrário do que disse John Simpson, aqui no Brasil, a mídia hegemônica parece ter como função, justamente, dizer às pessoas quem apoiar e quem condenar, quem são os mocinhos e quem são os bandidos. Nesse jornalismo de juízo de valores e opiniões prontas, o “mocinho” é qualquer ator geopolítico atrelado aos interesses imperialistas de Washington e aliados; o “bandido” é quem minimamente se opõe ao domínio imperialista.

Nenhum líder político mundial relevante condenou a comparação feita por Lula entre as ações sionistas em Gaza e o regime nazista na Alemanha (exceto, evidentemente, Benjamin Netanyahu). Mas, na realidade manipulada pela imprensa hegemônica tupiniquim, esta declaração do presidente brasileiro teria repercutido negativamente em todo o planeta. Assim, as opiniões dos articulistas de *O Globo*, *Folha* e *Estadão* substituíram a comunidade internacional.

Esta obsessão por forjar uma (inexistente) condenação global à fala de Lula (o que significa, na prática, forçar um isolamento diplomático de nosso país) levou a uma cena constrangedora. Ao tentar, durante uma entrevista exclusiva, fazer com que o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, condenasse publicamente o presidente brasileiro (apelando, inclusive, para o fato de ele ser judeu), a repórter da *Rede Globo*, Raquel Krähenbühl, levou uma invertida histórica.

Ouviu a seguinte declaração: “Temos discordância real sobre isso, e amigos podem ter discordâncias. [...] Sei que o presidente Lula é motivado pelo sofrimento das pessoas e quer ver isso acabar. Assim como nós. Também temos isso em comum”.

Já sobre o grande número de óbitos entre crianças em Gaza, devido aos ataques israelenses, Renata Lo Prete, âncora do *Jornal da Globo*, tem uma explicação inusitada. Morrem muitas crianças porque a pirâmide etária do território palestino aponta para o predomínio de jovens. Simples assim! O fato de Israel alvejar indiscriminadamente alvos civis e militares, é claro, não vem ao caso.

Lembrando as palavras do saudoso Alberto Dinis, a imprensa brasileira transforma meras reportagens em verdadeiros editoriais. Isso significa que, coberturas jornalísticas que deveriam se limitar à transmissão de informações ou a relatos dos fatos, tornam-se mecanismos para escoar uma determinada agenda política.

No caso da geopolítica palestina, as posturas da *Rede Globo* e de seus congêneres deixaram de ser simples coberturas jornalísticas para se tornarem grotescos planets da agenda bélica sionista. Para isso, recorrem a “não notícias” (como insinuar que Lula tenha mencionado a palavra “Holocausto” ao comparar as recentes ações de Israel em Gaza ao nazismo), utilização imprópria de adjetivos como “terrorista” ou mesmo recorrer a *fake news* (basta lembrarmos dos “bebês decapitados pelo Hamas”).

Em suma, no tocante à desinformação sobre o que acontece no mundo, os grupos de WhatsApp bolsonaristas ainda têm muito o que aprender com aquilo que eles delirantemente chamam de “extrema imprensa”.

***Francisco Fernandes Ladeira** é doutorando em geografia na Unicamp. Autor, entre outros livros, de *A ideologia dos noticiários internacionais* (CRV). [<https://amzn.to/49F468W>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA